

CULTURA IMATERIAL NO CONTEXTO DA OBRA ROTEIRO HISTÓRICO E SENTIMENTAL DA VILA REAL DO BOM JESUS DE CUIABÁ

Suíse Monteiro Leon Bordest¹

APRESENTAÇÃO

O passado tornado presente pela memória é poderosamente imaginativo. Pois, embora o passado - para os historiadores - tome forma com base em vestígios, ele comumente é escrito e narrado pela imaginação.

(Ricoeur, 2010, p. 139)

Neste ano em que se comemora o primeiro centenário de nascimento do poeta, historiador e jornalista da terra cuiabana, Rubens de Mendonça (1914-1983), dentre as homenagens ao ilustre cuiabano, promovidas pela Família, Secretaria de Estado de Cultura, UFMT e Casa Barão de Melgaço, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, n. 75 dedica suas páginas à memória desse autor que escreveu sobre história, literatura, jornalismo, política, danças, canções, “causos”, lendas etc. A extensa obra por ele deixada, ao associar conhecimento e reflexão com uma ponta de sarcasmo (malícia) do cotidiano, presenteia o leitor com agradável leitura.

O artigo em tela apresenta trechos do livro *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá* (1975), em cuja obra

¹ Geógrafa. Doutora em Geociência. Profa. Dra. do PPG em Geografia da UFMT. Membro Titular do IHGMT.
E-mail: bordest@uol.com.br

Rubens de Mendonça demonstra “sua capacidade de trabalho, de estudo e de pesquisa”, conforme assevera na contracapa desse livro, José Barbosa Rodrigues, membro da Academia de Letras e História de Campo Grande.

A diversidade da temática nos 14 capítulos do livro levou-nos a privilegiar quatro passagens relacionadas à *cultura mato-grossense*, atribuindo-lhes categorias adotadas pelo Patrimônio Cultural Imaterial do Iphan, como: *modos de fazer, celebrações, formas de expressão, lugares* (IPHAN, 2013).

Assim, a principal finalidade deste artigo é trazer a lume trechos literários de Rubens de Mendonça por nós associados aos registros *de cultura imaterial mato-grossense*. Dessa obra, escrita em meados do século XX, captamos os temas: Igreja do Senhor dos Passos; Festa de São João; Dança do Siriri; a Culinária, buscando contraponto com as transformações do mundo atual.

TEXTO E CONTEXTO EM UM MUNDO EM MOVIMENTO

Rubens de Mendonça produziu conhecimento e documentação de festas, costumes, técnicas de produção, de saberes e fazeres enraizados no cotidiano das comunidades mato-grossenses.

Conforme o IPHAN (2012, p. 23), “Por meio do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, se reconhece que um bem faz parte do patrimônio cultural da nação brasileira”, que merece ampla divulgação, de modo que, toda sociedade possa ter acesso à informação sobre sua origem, sua trajetória e as transformações por que passou ao longo do tempo.

Para alcançar os nossos objetivos, realizamos leitura dos 14 capítulos do livro *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*, que tratam de reminiscências do espaço urbano e vivências cuiabanas apreendidas enquanto temas capazes de oferecer contribuição para compreensão de relações sociais e valorização de bens culturais em determinada época.

Entendemos que nessa obra vislumbra-se verdadeiro arsenal de bens culturais que merecem ser preservados. Alguns deles já se encontram registrados como Bens Culturais de Natureza Imaterial desde 2012.

Desse livro de Mendonça destacamos trechos que permitem uma interação entre os fatos e a cultura imaterial mato-grossense, sendo escolhidos os seguintes títulos: Do Capítulo IV: *Senhor dos Passos* (Lugar); Do capítulo VIII: *Festa de São João* (Celebrações); Do

Capítulo IX: *Dança do Siriri* (Formas de expressão); Do Capítulo XII – *Cozinha cuiabana* (Modos de fazer). Concomitantemente, buscamos contraponto com as transformações do mundo atual, que apresentamos na sequência.

Igreja Senhor dos Passos



Fonte: Album Graphico do Estado de Matto-Grosso

Do capítulo IV- referente à Igreja Senhor dos Passos segue a interpretação de Mendonça: “Agora, vamos visitar a Igreja do Senhor dos Passos, cuja fachada é simples, porém de bonita aparência”.

Citando Moutinho (1869), Rubens de Mendonça (1975) conta que na torre dessa Igreja fez-se célebre um pobre homem, a quem se dava o nome de “Totó Onça”, e cuja figura muito se assemelhava a de um orangotango. A sua vista despertava lembrança do Quasímodo, sineiro de nossa senhora de Paris, pois que como este, a pessoa de quem tratamos fazia da torre seu pequeno mundo, e só com os sinos, que representava a sua família na terra, ia conversar as suas mágoas e os seus prazeres.

Ainda segundo Moutinho (1869), o fundador dessa Igreja foi um português de nome José Manoel, que durante um ataque de catelepsia, foi considerado morto. Conduziram-no amortalhado até a igreja e, após a encomendação, foi lançado à sepultura, logo começando o enterro. Saiu, a custo, da sepultura que era profunda, e fez voto solene de não mais se despir a mortalha, passando toda vida a angariar esmolas com o fim de construir uma capela ao Senhor dos Passos. Por esse motivo, José Manoel recebeu o apelido de Manoel Cova, pelo qual era popularmente conhecido.

Atualmente, nas primeiras décadas do século XXI, o *lugar* e contexto onde se instala a Igreja Senhor dos Passos, um dos ícones da memória cuiabana, com o passar dos anos, perdeu parte da velha feição colonial, por apresentar cenários da vida moderna, seja na sua arquitetura ou no seu entorno, como asfaltamento, lâmpadas incandescentes, mobilidade intensa de pessoas e automóveis, entre outros.

A Igreja Senhor dos Passos, tombada pelo Iphan, passou por intensa reforma na primeira década do ano de 2000, por iniciativa da Secretaria de Estado de Cultura. A fachada, o interior da igreja, assim como os casarões da Rua de Baixo, conservam lembranças da arquitetura colonial nas ruas que permanecem tortuosas no centro histórico da cidade. Não se pode dizer o mesmo do ambiente no da igreja, onde moradores de rua, alguns deles desocupados e/ou drogados, causam preocupação e medo aos olhos dos transeuntes.

FESTAS POPULARES

Festa de São Benedito de Vila Bela. Levantamento do Mastro



Foto: Suíse Bordest, 2014

Do capítulo VIII - referente às Festas Populares - extraímos a memorável Festa de São João.

Assim descreve Mendonça: “Outra festa muito popular em Cuiabá é a festa de São João, realizada no dia 23 de junho. São João não é uma festa de caráter regional. São João se festeja em todo Brasil”.

Mendonça (p. 98 apud PICHIA, 1978) cita Menotti Del Picchia, que dizia em seu “Juca Mulato”: “[...] Num mastro, apruma-se a bandeira de São João, desfraldando o seu alvo losango”.

Mostrando sua preocupação com o futuro da cultura cuiabana, diz Mendonça (op. cit., p. 8):

Mas, o que quero dizer aqui, neste Capítulo, é que com tristeza verificamos que os grupos de Cuiabá que outrora organizavam nossos festejos populares estão desaparecendo. Ontem, foram as festas de Senhor Divino (Espírito Santo) com seu Bando, Iluminação, Cavalhada e Touradas, o mesmo processo, observamos para o desaparecimento das tradicionais festas de São Benedito. Em 1973 não foi realizada, em 1974, graças ao jornalista Arquimedes Pereira Lima a festa foi restaurada.

A opinião do autor era que o “Ministério de Educação e Cultura tomasse a seu cargo as realizações dessas festas populares”, uma vez que o Clero, sem raízes nas tradições cuiabanas, pode contribuir para seu desaparecimento.

Em outro momento, diz Mendonça (p. 98): “A festa de São João também está morrendo. Outrora a festa era animada em Cuiabá”.

Em sua descrição os festejos eram mais ou menos assim (p. 98): “São João! E o mastro ostentando a bandeira com o registro de São João (estampa do santo), com seu carneirinho ao centro, subia galhardamente aos céus”.

À meia noite, o festeiro anunciava: “*Vamos lavar São João*”. E o povo seguia em cortejo até o rio Cuiabá, ou ao Tanque do Jardim Alencastro, ou na Bica da Prainha, cantando estrofes:

Deus que salve João
Batista, sagrado.
O teu nascimento
Nos tem alegrado. (bis)

Enquanto isso, (p. 99), “Na casa da festa ardia uma fogueira enorme. Batata doce, assado no braseiro, na sala brinquedos de prenda, sorte e adivinhações, as moças tiravam sortes para ver com quem iam

casar. Se sair com uma cruz é morte, se sair um navio, significa viagem, se sair a figura de um homem é casamento no ano.” E, continua: “Na varanda o baile vai animado, e no terreiro dança-se o cururu e o siriri até o dia amanhecer”.

Nos dias atuais, o que podemos observar é que as celebrações culturais das festas de São João apresentam variações de forma e significado, de um lugar para o outro. Há sempre muito barulho de fogos pirotécnicos. Como outras manifestações tradicionais, hoje essas festas, despidas da simplicidade outrora, incluem-se entre as práticas mercantilistas próprias do sistema capitalista. Independentemente dos mais diversos significados que possam ser atribuídos a essa manifestação cultural, considera-se a festa de São João cuiabana, patrimônio porque é reconhecida pelo grupo, daí estar inserida no Registro Celebrações.

Dança do Siriri



Foto Suíse Bordest, 2012

Do capítulo IX – destacamos a Dança Siriri, como uma das mais autênticas *Formas de Expressão na cultura cuiabana*.

Desse capítulo tiramos a frase de Mendonça (p. 115): “O Siriri, [...] é também uma dança da plebe. Foi muito usado em Cuiabá, sobretudo após a abolição dos escravos. O principal instrumento do Siriri é um tamborete de madeira ou couro de boi, onde se bate com a mão, num ritmo bárbaro cantando versos de uma toada grosseira. [...] No norte do País o Siriri é dançado em fileiras, de modo diferente, portanto, de Mato Grosso, onde é dançado em círculo”.

Atualmente, o siriri é tido como bem cultural inscrito como manifestação da cultura material e imaterial, no livro de Registro das *Formas de Expressão*.

A dança do siriri é mais uma representação daquilo que foi no passado. Costuma ser apresentada de maneira teatral em comemorações religiosas, datas cívicas, ou nas aberturas de eventos *glamurosos*, visando cativar turistas. Alguns municípios mato-grossenses ribeirinhos têm formados seus grupos de siriri. Em Cuiabá, o destaque é para o grupo “*Flor do Cerrado*” que vem se apresentando em ocasiões festivas e a convite de outros estados e até mesmo de outros países.

Conforme o Iphan (2012), as tradições culturais e do siriri – rodas de música e danças realizadas como diversão ou em dias de festa de santos católicos – dependeu de uma série de fatores para continuar ocorrendo. Entre outros, depende de que os mais jovens queiram aprender a fazer e a tocar a viola de cocho, um instrumento musical fabricado pelos *cururueiros*, de forma artesanal. É também importante a preservação de espécies vegetais que servem de matéria-prima para produção da viola, pois há risco de extinção de algumas delas. Nesse sentido, estudos têm sido feitos para que o manejo de matérias-primas não provoque a extinção de certos tipos de plantas e, em alguns casos para que a matéria-prima tirada da natureza passe a ser substituída por produtos industrializados.

Cozinha Cuiabana



Foto capturado de <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2012/12/culinaria-cuiabana-ivana-schafer.html>

Sobre a culinária cuiabana, Mendonça (p. 132) recorre às palavras de Fernando Leite: “Conquanto não muito rica nem de grande variedade, é, todavia, do centro oeste, a única culinária digna de menção especial, tendo em vista a originalidade e diferença que a distingue das demais regiões do país”.

Sobre a originalidade e a diferença que a distingue das demais regiões do país, Mendonça cita como exemplos: a “farofa de banana”, feita com banana da terra frita. O “guaranazinho” (guaraná ralado na hora), cuja matéria-prima vem do estado do Amazonas (op. cit., p. 131).

Continuando, Mendonça tece comentário também sobre os peixes, como o pacu cuiabano, que goza de amplos prestígios nas mesas locais, seja ensopado frito ou assado, contanto que preparado por especialista. No mesmo caminho, a piraputanga, o bagre, o dourado a cachara, a geripoca, a pacupeva, o pintado, etc., além do arroz com pequi, que exige habilidade para degluti-lo. Destacam também o *bolo de queijo* e o *bolo de arroz*, ambos para o café da manhã ou lanche. O *furrundu* – doce feito de mamão verde com rapadura de cana – é tipicamente da terra. Podem ser adicionados o doce de mangaba, o de goiaba, caju em calda. Como aperitivo, o licor de pequi cuiabano. Como refresco, capilé de caju. Hoje raríssimo, o refresco de “orchata”, preparado com sementes de melancia.

Atualmente, a culinária cuiabana tem destaque no Livro de Registro dos Saberes como *modos de fazer* enraizados no cotidiano das comunidades. *Iniciativa do PNPI* - Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI, como em outros programas governamentais que contribuem para estimular e divulgar expressões culturais brasileiras.

Cada vez mais a cozinha cuiabana é requisitada nas festas, nos eventos em geral e entre os turistas procedentes de diferentes paragens e que querem conhecer os quitutes da terra cuiabana. Para isso, muito contribuiu o avanço do turismo no Estado, que buscou resgatar a tradição, tornando-a conhecida nacional e internacionalmente.

Exemplo disso foi a chegada de turistas para a Copa 2013, quando cozinheiros foram preparados na arte para bem servir os visitantes e encaminhá-los dignamente aos pontos turísticos da capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do livro *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*, do escritor e jornalista da terra cuiabana, Rubens de Mendonça, possibilitou, usando a expressão de Cascudo (MENDONÇA, 1975 apud CASCUDO, Prefácio) “na sua evocação

lítica”, uma interação entre fatos e cultura imaterial mato-grossense, particularmente nos recortes aqui apresentados. Daí considerarmos este Livro de Mendonça um exemplo de salvaguarda de bens culturais em Cuiabá.

Como já referenciado, na primeira metade do século XX Rubens de Mendonça produziu conhecimento e documentação de festas, costumes, técnicas de produção, de saberes e fazeres enraizados no cotidiano das comunidades mato-grossenses.

Fazendo nossas palavras do Iphan (2013), vale lembrar que cuidar do nosso patrimônio imaterial é tarefa que cabe não só aos órgãos governamentais. No nosso cotidiano também podemos promover a preservação desse patrimônio: “A preservação do patrimônio cultural visa a promover por meio de práticas culturais e de processos de produção, o exercício da cidadania e uma melhor qualidade de vida para as pessoas no presente. (IPHAN, 2012, p. 33)

Quando se fala em inventariar os bens culturais de um lugar ou de um grupo social está se falando em identificar bens culturais que remetem às referências culturais desse lugar ou grupo:

Referências são as edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado. [...]. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura. (IPHAN, 2000, p. 20).

Muitas são as referências culturais nas entrelinhas dos 14 capítulos, dos quais nos remetemos nesta reflexão. Daí entendermos que o conteúdo global dessa obra de Rubens de Mendonça, publicada na década de 1970, trás ricas lembranças de uma fase de Cuiabá de outrora, quando o autor se propôs a registrar os principais acontecimentos que hoje nos permite recordar coisas já esquecidas ou fatos desconhecidos. Tantas e tão preciosas evocações resgatam do esquecimento modos de vida que ganham movimentos, cheiros e sabores, complementados por outra e não menor riqueza do livro que são as fotos memoráveis, que ilustram o texto: “Somente quando se sente integrante de uma cidade ou de uma comunidade é que o cidadão dá valor às suas referências culturais”. (2012, p. 18).

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Câmara. *Prefácio* à obra de Mendonça, 1975.
- DEL PICCHIA, Menotti. *Juca Mulato*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). *Patrimônio cultural imaterial: para saber mais*. Brasília, DF, 2012.
- LEITE, Fernando. *Cuiabá, histórica, heroica e pitoresca*. s.n.t.
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*. Cuiabá: Coleção Mato Grosso. Série: Turismo, 1975.
- MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícias sobre a Província de Mato Grosso, seguida d'um roteiro da viagem de sua capital a São Paulo*. São Paulo: Typographia de Henrique Schoroeder, 1869.